



Brincando com som, palavra e movimento: Música Elementar e a(s) infância(s)

Modalidade: Oficina - Resumo expandido

Cassiano Lima da Silveira Santos¹
Universidade Estadual de Campinas
professorcassianolima@gmail.com

Resumo: Este resumo expandido tem como objetivo compartilhar as inspirações de uma oficina baseada nos pressupostos da Música Elementar e da Abordagem Orff, sob um relato de experiências pedagógico-musicais que articulam som, palavra e movimento. A partir da exploração sonora, dos jogos rítmicos da linguagem, das práticas corporais e da criação coletiva, os participantes experienciam um recorte dentre as múltiplas possibilidades de aprendizagem musical presentes nesse universo, compreendendo música, literatura, oralidade, dança e movimento como dimensões inseparáveis da experiência artística e educativa.

Palavras-chave: Abordagem Orff; Música Elementar; Formação de professores.

Brincando com som, palavra e movimento

Pensar práticas musicais voltadas às infâncias implica reconhecer a experiência artística como um campo no qual cantar, brincar, mover-se, falar, dramatizar, tocar, criar e improvisar constituem ações interligadas. Sob essa perspectiva, este resumo expandido apresenta e discute um relato de experiência do percurso prático-teórico desenvolvido por mim² em uma oficina mediada durante a II Jornada de Estudos “Música na Infância”, realizada

¹ Cassiano Lima é pesquisador de pós-doutorado no Instituto de Artes da Unicamp, sob financiamento do CNPq. Doutor e licenciado em Música, mestre em Educação e licenciado em Pedagogia, atua como professor do Ensino Superior e da Educação Básica. É professor certificado na Abordagem Orff pela American Orff-Schulwerk Association há dez anos e autor do livro “Som, Palavra e Movimento: caminhos e possibilidades em um universo pedagógico-musical” (Desvendério, 2023). Atualmente, é coeditor da Revista Música na Educação Básica (MEB), da Associação Brasileira de Educação Musical.

² O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil) pela concessão de bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ), modalidade Bolsa no País, vinculada ao Processo nº 150617/2025-9.

na Universidade Federal de Goiás, fundamentada em princípios da Abordagem Orff e, especialmente, na concepção de Música Elementar.

Na perspectiva da Orff-Schulwerk, a Música Elementar não se define por uma música dita “simples” ou por um determinado repertório, mas por uma concepção artístico-pedagógica que articula som, palavra, o corpo, o movimento, o gesto e a criação de forma descompartmentada e não-metódica. É uma concepção artístico-pedagógica que privilegia processos ativos, coletivos e inventivos, nos quais os participantes não ocupam apenas o lugar de intérpretes de estruturas previamente determinadas, mas são convidados a interferir, experimentar, rearranjar e criar a partir dos materiais compartilhados (Lima, 2023).

A oficina foi organizada a partir de um percurso que caminhou do corpo e da palavra para diferentes formas de instrumentação, procurando evitar uma separação rígida entre essas dimensões. Este movimento se aproxima da compreensão de que o instrumental, na Orff-Schulwerk, constitui uma das múltiplas possibilidades para o fazer musical, e não seu ponto de chegada obrigatório. Santos e Marques (2025) ressaltam que a prática instrumental pode envolver instrumentos tradicionais, Instrumental Orff, objetos cotidianos, recursos digitais e o próprio corpo, desde que esses recursos estejam integrados aos princípios de participação, contextualização, criação e improvisação, em geral, da Música Elementar.

O encontro teve início com a canção *Oi, olá, tchau, bye-bye*, de minha autoria, proposta como uma dinâmica de boas-vindas. A canção possibilitou estabelecer, desde os primeiros momentos, um espaço de interação entre os participantes, articulando canto, movimento e música corporal. Gestos sonoros e movimentos realizados individualmente e em interação com outras pessoas foram incorporados à experiência, fazendo com que uma estrutura musical inicialmente compartilhada pelo mediador pudesse ser também compartilhada corporalmente pelo grupo.



Esse ponto de partida buscou estabelecer uma característica ou processo que atravessou toda a oficina, tendo a experiência precedendo possíveis conceituações ou sistematizações. Como afirma Goodkin (2019), em uma aula musical nessa perspectiva os participantes são primeiramente convidados a cantar, tocar, movimentar-se, improvisar, escutar e criar para, a partir dessas experiências, reconhecer relações e estruturas musicais. Assim, o fazer musical deixa de ser apenas “aplicação” posterior de determinado conhecimento e se torna espaço para sua própria construção.

Da canção inicial, caminhamos para o trabalho com quadrinhas da cultura popular, explorando a dimensão rítmica e expressiva da palavra. Os pequenos textos foram falados, movimentados e dramatizados pelos participantes, sendo posteriormente organizados em uma estrutura de rondó, na qual uma parte recorrente se intercalava às diferentes quadrinhas. A palavra aqui não é tomada como suporte para a aprendizagem rítmica, mas como material artístico capaz de mobilizar gesto, voz, interpretação, movimento e interação entre os participantes. Essa proposição dialoga diretamente com a concepção de Música Elementar, na qual música não se encontra dissociada da força poética e rítmica da palavra, da oralidade, do movimento e da criação (Marques; Santos, 2025).

O percurso avançou para a exploração das colheres como instrumental musical, tomando como referência o trabalho desenvolvido por Estêvão Marques no livro “Colherim: ritmos brasileiros na dança percussiva das colheres” (2013) e posteriormente discutido por Marques e Santos (2024). O trabalho com o “colherim” compreende as colheres como um instrumental diretamente relacionado ao movimento, permitindo explorar diferentes regiões do corpo, gestos, timbres e células rítmicas.

Entretanto, na oficina, a exploração das colheres não se restringiu à aprendizagem de uma determinada técnica instrumental. Após a corporalização com maneiras de segurá-

las e produzir diferentes sonoridades, foram abertos espaços para exploração e improvisação. Os participantes puderam investigar outras possibilidades tímbricas, elaborar pequenas frases e responder musicalmente às proposições do grupo. Dessa maneira, técnica e repertório constituíram referências para a invenção, em vez de objetivos finais da atividade.

Essa opção encontra respaldo na compreensão de que a prática instrumental em perspectiva orffiana precisa contemplar espaços para improvisação e criação, evitando que o participante assuma uma posição exclusivamente reprodutiva diante de um arranjo previamente elaborado (Santos; Marques, 2025). Os autores destacam que mesmo atividades instrumentais devem preservar relações dialógicas entre professores e estudantes e abrir caminhos para que elementos musicais possam ser reorganizados e transformados pelos participantes.

Em um último momento, essas experiências foram retomadas por meio da canção *Tambores*, gravada pelo Grupo Triii. A música serviu como ponto de partida para a exploração de um arranjo instrumental inspirado nos princípios da Orff-Schulwerk, permitindo retomar elementos já experienciados ao longo do encontro e repensá-los para outras configurações sonoras. O arranjo foi construído progressivamente, privilegiando estruturas musicais que possibilitassem a participação coletiva e, simultaneamente, oferecessem segurança suficiente para a abertura de espaços criativos.

Essa perspectiva se aproxima da concepção de arranjo elementar discutida por Santos e Marques (2025), no qual elementos como bordões, ostinatos, melodias e diferentes possibilidades de colorido tímbrico podem criar uma organização musical estável para favorecer a participação do grupo, sem transformar o arranjo em uma estrutura rígida ou exclusivamente reprodutiva. A previsibilidade oferecida por determinadas estruturas pode

funcionar, justamente, como sustentação para que os participantes experimentem, improvisem e insiram novas ideias.

Assim, na exploração de *Tambores*, o objetivo não esteve somente na construção de uma performance instrumental da canção, mas no próprio percurso que conduziu até ela. Música corporal, canto, palavra, movimento, dramatização, colheres e outros instrumentos constituíram diferentes materialidades de um mesmo processo. Entre momentos mais orientados e espaços destinados à escolha dos participantes, busquei evidenciar que uma proposta de inspiração orffiana não se caracteriza pela presença de determinado instrumento ou repertório, mas pelos modos como os sujeitos se relacionam musicalmente com esses materiais. Como discutem Santos e Marques (2025), a essência da Schulwerk se encontra menos nas atividades em si e mais na filosofia que orienta sua ressignificação em diferentes contextos.

Considerações finais

O percurso compartilhado durante a II Jornada de Estudos “Música na Infância” procurou evidenciar uma possibilidade de organização da aula musical que não estabeleça fronteiras rígidas entre corpo, palavra, movimento e prática instrumental. Da canção de boas-vindas às quadrinhas; das quadrinhas às colheres; das colheres ao arranjo instrumental de *Tambores*, busquei construir relações de atravessamento entre as experiências, permitindo que materiais vivenciados corporalmente fossem retomados, transformados e ampliados ao longo da oficina.

Mais do que uma sequência de atividades, compreendo esse percurso como uma possibilidade de pensar os próprios processos de ‘aprenderensinar’ música na(s) infância(s). Nesse sentido, a prática instrumental não representa um abandono das experiências



corporais iniciais, mas uma continuidade delas. Da mesma forma, criação e improvisação não aparecem apenas como atividades complementares realizadas após a aprendizagem de determinado repertório, mas constituem dimensões presentes ao longo de todo o processo. Essa perspectiva permite compreender uma aula musical orffiana como uma construção coletiva em que estruturas compartilhadas oferecem pontos para que diferentes respostas possam emergir, mantendo abertas as possibilidades de invenção, escuta e diálogo.

Referências

GOODKIN, Doug. **Teach like it's music**: an artful approach to education. San Francisco: Pentatonic Press, 2019.

LIMA, Cassiano. **Som, palavra e movimento**: caminhos e possibilidades em um universo pedagógico-musical. São Paulo: Editora Desvendério, 2023.

MARQUES, Estêvão. **Colherim**: ritmos brasileiros na dança percussiva das colheres. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

MARQUES, Estêvão; SANTOS, Cassiano Lima da Silveira. Ritmos brasileiros para colheres: um instrumental sempre em movimento. **Revista Música na Educação Básica**, v. 13, n. 16, e131608, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33054/MEB131608>

SANTOS, Cassiano Lima da Silveira; MARQUES, Estêvão. Os instrumentais na Abordagem Orff: possibilidades inventivas para além do xilofone. **Revista Música na Educação Básica**, v. 14, n. 17, e1417D08, 2025. DOI: <https://doi.org/10.33054/MEB1417D08>